

## O SACRAMENTO DA UNÇÃO DOS ENFERMOS: O RITO DA UNÇÃO E SUA PRÁTICA PASTORAL

Mussá Maria Cossa\*  
Everton Bruno Martin Bento\*\*

**Resumo:** Num contexto global em que a preocupação pela saúde sanitária de todo o mundo, especialmente pelos moribundos afetados pela pandemia do SARS-CoV-2, é obrigação de todos os cristãos considerar a Unção dos Enfermos algo mais que um mero rito privado, administrado a indivíduos em particular e irrelevante para toda a sociedade. Por este motivo, o presente artigo visa fazer uma exposição da prática pastoral do sacramento da Unção dos Enfermos com objetivo de esclarecer na base da doutrina eclesial quem são os ministros, a quem deve ser administrado, quais são os requisitos e recomendações a serem observados para uma boa celebração deste ato visível que transmite a graça que é invisível, mas santificante na vida das pessoas que o recebem.

**Palavras-chave:** Unção dos Enfermos. Ritual. Prática Pastoral.

## THE SACRAMENT OF THE ANOINTING OF THE SICK: THE RITUAL OF ANOINTING AND ITS PASTORAL PRAXIS

**Abstract:** In a world-wide context of concern for health care throughout the world, especially for the dying affected by the SARS-CoV-2 pandemic, it is the duty of all Christians to consider the Anointing of the Sick as something more than a mere private rite, administered to particular individuals and irrelevant to the entire society. For this reason, the present paper aims at presenting the pastoral practice of the sacrament of the Anointing of the Sick with the purpose of clarifying on the basis of ecclesial doctrine who are the ministers, to whom it should be administered, what are the requirements and recommendations to be observed for a good celebration

---

\* Mussá Maria Cossa é graduado em Filosofia pela The Catholic University of Eastern Africa (CUEA) [Universidade Católica da África Oriental]. Atualmente é acadêmico do VI semestre do Curso de Teologia da Faculdade Palotina-FAPAS em Santa Maria, RS. E-mail: [mussa.cossa@yahoo.com](mailto:mussa.cossa@yahoo.com) ou [mussa.mariaa@gmail.com](mailto:mussa.mariaa@gmail.com)

\*\* Acadêmico do VI semestre [2021] do Curso de Teologia-Bacharelado, na Faculdade Palotina-RS. E-mail: [evertonbrunomb@hotmail.com](mailto:evertonbrunomb@hotmail.com)

of this visible act that transmits the grace which is invisible but sanctifying in the life of the people who receive it.

**Keywords:** Anointing of the Sick. Ritual. Pastoral Practice.

## Notas introdutórias

A partir das deliberações feitas pelos bispos conciliares do Vaticano II à Igreja, Mãe acolhedora e leitora dos sinais dos tempos, viu-se a necessidade de renovar a teologia e o rito da celebração da Unção dos Enfermos, preservando todo o fundamento bíblico e exegético do próprio sacramento. Muitos aspectos deste sacramento foram modificados e simplificados, ajudando na sua compreensão, administração e maior adesão nos anos posteriores ao Concílio. Diferente de todos os documentos conciliares antecedentes ao Vaticano II, neste se torna visível nos bispos conciliares, a preocupação e a busca por uma maior compreensão em prol da participação ativa e consciente dos fiéis.

Como efeito dessa preocupação, foi dada às Conferências Episcopais espalhadas pelo mundo afora, a liberdade de adaptar o rito existente até então, às diversas realidades e situações particulares de cada país ou região, explicitando aos fiéis o significado intrínseco e extrínseco do sacramento, pois, foi de comum acordo entre eles que os fiéis precisam de uma catequese intensa em relação a este sacramento. A partir das resoluções do Concílio Vaticano II, os agentes da pastoral tinham a missão de deixar claro que:

A extrema unção, que também e melhor pode ser chamada 'Unção dos Enfermos' não é um sacramento só dos que estão nas vias da morte. Portanto, o tempo oportuno para receber a Unção dos Enfermos é certamente o momento em que o fiel começa a correr perigo de morte, por motivo de doença ou idade avançada (SC n. 73).

Tendo em mente que trata-se de uma pesquisa de caráter introdutório, a primeira parte deste ensaio, vai procurar inicialmente compreender a Teologia do rito da unção dos enfermos, destacando os seus ministros; os requisitos para a recepção deste sacramento e por fim analisar em pormenores o significado cristão da unção a um moribundo. Na segunda sessão, procura-se entender a dimensão pastoral deste sacramento, buscando se compreender a sua eficácia pastoral na Igreja atual. Na terceira parte se expõem as recomendações pastorais para a celebração do sacramento tendo em vista os eventuais desafios que a pastoral da saúde tem enfrentado. A última parte, foca mais na questão da administração ordinária do sacramento, analisando a estrutura do rito ordinário e o rito quando se duvida se o doente está ainda vivo.

Por ser um estudo sobre um dos sinais visíveis que transmitem a graça e o mistério, não temos a pretensão de abordar o assunto de uma forma holística, mas apenas oferecer na base de uma bibliografia específica, o que a Igreja ensina e quais as novidades que o Concílio Vaticano II trouxe ao mundo em relação ao sacramento da Unção dos Enfermos.

## **1 O rito da Unção dos Enfermos**

O rito agora chamado Unção dos Enfermos renovado na esteira do Concílio quer, em primeiro lugar, simplificar e tornar acessível ao conhecimento e ao coração do cristão a presença confortante de Jesus. Pontos significativos do novo rito são: as mudanças na fórmula de orações sacramentais mantendo a similaridade do texto com as palavras de São Tiago, as diversas situações em que se possam procedê-las, o uso de outro tipo de óleo desde que de origem vegetal, e a revisão — e

implementação — para toda a Igreja latina da bênção como acentua o documento da Constituição Apostólica<sup>1</sup> do Papa Paulo VI:

O Sacramento da Unção dos Doentes é administrado aos que se encontram enfermos em perigo de vida, unguendo-os na fronte e nas mãos com óleo de oliveira ou, segundo as circunstâncias, com outro óleo de origem vegetal, devidamente benzido, proferindo uma só vez as palavras: “Por esta santa unção e pela sua infinita misericórdia, o Senhor venha em teu auxílio com a graça do Espírito Santo, para que, liberto dos teus pecados, Ele te salve e, na sua misericórdia, alivie os teus sofrimentos” (UI n. 13).

A partir da nova constituição apostólica, o Novo Rito da Unção dos Enfermos toma forma simplificada e de passível compreensão por parte dos fiéis, abrindo-se a uma participação seja nas celebrações feitas nas casas ou nos templos. Recordamos que a ação da Igreja configura a própria ação de Cristo, que não deixou de curar os enfermos por onde andou neste mundo, conforme podemos observar no envio dos setenta e dois discípulos. Nesta ocasião, Cristo dá poder a eles para curarem os enfermos, chamarem à conversão os pecadores e anunciar a chegada do Reino de Deus (Lc 10,1-16).

A solicitude maior da Igreja é posicionar o rito sacramental da Unção dos Enfermos, como sendo primordialmente uma pastoral — de aproximação — de cuidado e atenção aos doentes. Assim, no novo rito, as formas nele postas, querem lembrar ao doente, que mesmo no momento da dor e sofrimento, a ação salvífica de Jesus faz-se presente no sacramento, através da pessoa do presbítero. Por isso, as orientações contidas no *Novo Ordo*, são ferramentas pelos quais quer-se explicar e identificar o verdadeiro significado do sacramento da unção e seus efeitos.

---

<sup>1</sup> Assinada pelo Papa Paulo VI em 30 de novembro de 1972, modifica e estabelece no rito latino elementos essenciais do ritual da Unção dos Enfermos, de acordo com as instruções do antigo ordinário sacramental anterior ao Concílio Vaticano II.

O *Novo Ordo* agora, dá mais atenção a uma celebração do sacramento que ajuda na maior purificação interior; ressaltando uma atenção especial na relação do sacramento com a doença corporal, diferenciando a bênção da cura e o efeito do sacramento, sem implicar independência entre as duas, como sinaliza Gonzalo Flórez: “outra preocupação fundamental é colocar o sacramento da unção no contexto de uma pastoral e cuidado dos enfermos” (1993, p. 347).

Deste modo, o novo ritual da Unção dos Enfermos contempla quatro categorias de celebrações diferentes a serem realizadas em uma pastoral de cuidado para com os enfermos, sendo elas: visita e comunhão dos doentes; ritual da Unção dos Enfermos; o Viático e o Ritual da administração dos sacramentos ao doente em perigo de vida.

### **1.1 A quem se deve administrar o sacramento**

Diante do exposto, vamos apresentar de maneira sucinta, a quem e como o rito deve ser administrado às pessoas perante as diversas circunstâncias da vida. Primeiramente, o ritual deixa claro quem são os destinatários deste sacramento. Segundo o número oito do Ritual, este sacramento é destinado aos doentes e tem por finalidade, aliviar seus sofrimentos e salvá-los. Aliás, o mesmo número destaca que se deve aplicar aos fiéis gravemente doentes, quer em razão da própria enfermidade, quer em razão da idade avançada. Além disso, o mesmo número do documento estabelece que, para julgar a gravidade da doença, “basta o prudente ou provável juízo acerca da mesma, pedindo, se necessário, sem cair em estado de excessiva ansiedade, o conselho do médico”. Não é um sacramento que só se pode receber uma vez como se procede com os sacramentos da Iniciação Cristã e de Serviço. A unção dos enfermos pode

ser recebida várias vezes e, aliás, todas as vezes que o doente convalescer ou se, no decurso da mesma doença, o seu estado vier a se agravar. Quanto a esta recomendação, o Catecismo da Igreja Católica fundamenta:

Se um doente que recebeu a Unção recupera a saúde, pode, em caso de nova enfermidade grave, receber outra vez este sacramento. No decurso da mesma doença, este sacramento pode ser repetido se o mal se agrava. É conveniente receber a Unção dos Enfermos antes duma operação cirúrgica importante. E o mesmo se diga a respeito das pessoas de idade, cuja fragilidade se acentua (CIC, n. 1515).

Pode também dar-se a Santa Unção antes de uma grave intervenção cirúrgica, quando o motivo é uma doença perigosa. Pode igualmente administrar-se “às pessoas idosas cujas forças estejam já muito debilitadas, embora não sofram de doença grave” (Ritual, n. 11). A Santa Unção, também diz sobre as crianças ‘dotadas do uso da razão’, que enfrentando uma enfermidade profunda, podem recebê-lo. Assim esclarece: “este sacramento pode ser administrado a crianças suficientemente dotadas do uso da razão para poderem ser confortadas por este sacramento” (Ritual, n. 12).

Aqueles doentes em estado de não poderem responder sobre o consentimento da administração do sacramento, o presbítero deve consultar sua consciência. Caso a pessoa seja batizada, e se a família está presente, dar-se-á o sacramento, julgando-se que, se estivessem no uso das suas faculdades mentais, a pessoa teria pedido a Santa Unção (Ritual, n. 14). Quando se duvida se o enfermo já está realmente morto, a unção torna-se condicional e poderá ser ministrada imediatamente após a morte aparente, visto que não sabemos exatamente o momento em que a pessoa morre. Porém, adverte-se que é fundamental que tendo a pessoa pedido este sacramento, os seus familiares procurem não esperar que o doente perca a consciência para se chamar o ministro (Ritual, 1972, p. 06).

Ainda para a administração do sacramento da cura o presbítero deve ter em mente que, “tendo sido chamado para um doente que já tenha falecido, ore por ele ao Senhor, para que lhe perdoe os pecados e o receba misericordiosamente no seu reino, mas não lhe administre a Unção” (Ritual, n. 15), como também não se dará a Unção àqueles que sabidamente em vida “perseveram obstinadamente em pecado grave manifesto” (Ritual, n. 15).

Por fim, o ritual ainda invoca, para que por meio da catequese paroquial “instruam-se os fiéis para que eles próprios peçam a Unção e se aproximem em tempo oportuno a recebê-la com plena fé e devoção espiritual” (Ritual, n. 13).

## **1.2 O Ministro da Unção dos Doentes**

O ritual determina que “o ministro próprio da Unção dos Doentes é apenas o sacerdote” (Ritual, n. 16). E dispõe ainda que o exercício do sacramento é por conseguinte “os Bispos, os párocos e os vigários paroquiais, os capelães dos hospitais e os superiores das comunidades religiosas clericais” (Ritual, n. 16). O ministro ordenado pode, atendendo às necessidades locais, preparar um grupo de pessoas doentes em uma celebração, ajudados por leigos, para receberem a Unção. O presbítero incardinado faz a administração da unção “com o consentimento, ao menos presumido, do Bispo local, a quem informará a seguir da administração realizada” (Ritual, n. 18). Sobre a presença de dois ou mais sacerdotes, para a Unção dos Enfermos o Ritual recomenda que

Encontrando-se presentes dois ou mais sacerdotes junto do doente, nada impede que um deles diga as orações e administre a unção com a respectiva fórmula, e distribuam pelos demais as outras partes do rito, tais como os ritos iniciais, a leitura da palavra de Deus, as invocações e monições. A imposição das mãos pode ser feita por todos os sacerdotes presentes (Ritual, n. 19).

### 1.3 Requisitos para a Unção

Vejam as premissas próprias para a validade deste sacramento, conforme o Ritual oferece. Primeiramente, as deliberações conciliares determinam uma mudança da antiga forma, estabelecendo que: “a matéria própria da Unção dos Doentes é o óleo de oliveira, ou, segundo as circunstâncias, outro óleo de origem vegetal” (Ritual, n. 20). Para a unção, o óleo abençoado deve ser feito ordinariamente pelo Bispo “ou por um sacerdote com faculdade para o fazer, quer por direito, quer por especial concessão da Sé Apostólica” (Ritual, n. 21), porém, feita conforme determina o próprio ritual:

Além do Bispo, podem bendizer o óleo: *a)* aqueles que, por direito, são equiparados ao Bispo diocesano; *b)* em caso de necessidade, qualquer presbítero, mas na própria celebração do sacramento. A bênção do Óleo dos doentes é feita ordinariamente pelo Bispo em Quinta-Feira Santa (Ritual, n.21).

Sobre a conservação do óleo benzido após a celebração feita pelo Bispo, sua utilidade, forma de preservá-lo e descartá-lo o Ritual instrui que:

O óleo pode ser trazido pelo próprio sacerdote ou preparado pelos familiares do doente num vaso conveniente. O que sobrar, queime-se com um pedaço de algodão depois da celebração. Quando, porém, o sacerdote usar óleo benzido anteriormente pelo Bispo ou por um sacerdote, leve-o consigo no vaso em que é costume guardá-lo. Este vaso seja de matéria própria para conservar o óleo, esteja limpo e contenha Óleo suficiente, com algodão, se for conveniente, embebido nele. Neste caso, o sacerdote, depois da Unção, leve-o consigo e guarde-o em lugar digno. Cuide-se, porém, que este Óleo se

mantenha apto para o uso dos homens e, por isso, renove-se oportunamente, quer todos os anos, depois da bênção do Óleo feita pelo Bispo em Quinta-Feira Santa, quer, se necessário, com mais frequência (Ritual, n. 22).

#### **1.4 A unção do doente**

Chegamos ao clímax do rito da unção da cura. O presbítero diante do enfermo diz as orações da bênção que o prepara para receber a unção com o óleo abençoado. Esse ato, compara-se a uma ‘crescente’ educação da fé, que prepara para a administração do sacramento. Depois dessa oração, “confere-se a unção unguindo o doente na fronte e nas mãos” (Ritual, n. 23). Mas, também orienta que diante de casos especiais ou de estado físico do doente, pode-se “fazer uma única unção na fronte, ou, segundo as circunstâncias do doente, noutra parte mais apta do corpo, proferindo integralmente a fórmula” (Ritual, n. 23), como também respeitando o lugar geográfico, tradição e as disposições das Conferências Episcopais.

O que preserva para dar a natureza, finalidade e validade do sacramento é a fórmula que deve ser dita pelo presbítero, que no momento da unção com o óleo santo deve dizer estas palavras: “Por esta santa unção e pela sua infinita misericórdia, o Senhor venha em teu auxílio com a graça do Espírito Santo. Amém. Sacerdote: Para que, liberto dos teus pecados, Ele te salve e, na sua misericórdia, alivie os teus sofrimentos. Amém” (Ritual, n. 25).

## **2 A dimensão pastoral do sacramento da Unção dos Enfermos**

Olhando do ponto de vista pastoral, em que consiste a Unção dos Enfermos? A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, na sua Assembleia Geral na cidade de Itaici/SP em abril de 1979, ofereceu uma resposta

fundamental a esta pergunta. Em concordância com o que se estabeleceu no Concílio de Florença e com as orientações do Rito da Unção dos Enfermos e sua Assistência Pastoral, eles destacaram que pastoralmente, “a celebração deste sacramento consiste sobretudo na oração da fé e na Unção dos Enfermos com o óleo santificado pela bênção de Deus, após a imposição das mãos pelos presbíteros da Igreja, e por este rito é significada e conferida a graça do sacramento” (Documentos da CNBB, n. 14, p. 12).

Nessa ocasião sublinharam também a importância da colaboração da pastoral da Unção dos enfermos com a pastoral da Saúde, pois é através desta que os fiéis desenvolvem com facilidade uma grande confiança no valor do sacramento da Unção dos Enfermos. Aliás, de acordo com Cristiano Campelo, “a pastoral da Unção dos enfermos tem dois objetivos: primeiro objetivo, permitir aos doentes viverem evangelicamente a situação da enfermidade; segundo objetivo incentivar a comunidade eclesial à solidariedade em relação a seus membros sofredores” (2014, p. 45). Por isso, como é necessidade de todos os doentes estarem na graça especial de Deus, a fim de que, premidos pela ansiedade, não desanimem e, submetidos à tentação, não percam a sua fé; a Igreja tem a missão de se fazer presente nesses momentos difíceis da vida. Por isso, o Cristo fortalece com o sacramento da unção os fiéis que adoecem, concedendo-lhes assim o poderoso auxílio (RITUAL, n. 5).

Vinculados à pastoral da Saúde, pode-se superar por parte das famílias e dos enfermos, o temor causado pela visita do padre<sup>2</sup>, que se deve certamente ao esforço evangelizador que renova a vivência e a consciência

---

<sup>2</sup> A visita do presbítero aqueles que se encontram enfermos, ainda hoje é cercada por um folclore religioso de morte eminente. Por coincidências, quantas vezes ouvimos falar que após a visita e a unção sagrada feita pelo sacerdote o enfermo vem a falecer? Este acontecimento testemunhado várias vezes, dá a impressão para a família e a comunidade do padre ser o ‘portador da morte’, evitando muitas vezes (pelo amor que a família sente pelo enfermo) a presença do sacerdote e a oração e unção dos enfermos. Para cada vez mais desmitificar este mito, faz-se necessário uma catequese sacramental para toda a comunidade, para que todos possam evoluir na consciência de sua fé e na participação ativa daquilo que crê.

eclesial do sacramento. Além disso, como a pastoral da saúde tem se empenhado na distribuição da comunhão eucarística nos hospitais e domicílios<sup>3</sup> por meio dos ministros extraordinários, estes gestos, aproximam mais o doente à comunidade, pois, proporcionam um clima favorável para uma adesão ao sacramento. Por isso é fundamental que se tenha em mente que, para a Igreja, a doença não diminui a dignidade da pessoa humana.

O cristão doente é um sinal e imagem padecente de Jesus Cristo que precisa do auxílio dos ministros, pois como Igreja acreditamos que servir aos doentes é servir ao próprio Cristo em seus membros sofredores. Ou seja, o cristão doente, já inserido em Cristo pelo batismo, insere-se, agora, nesta condição peculiar, no mistério da morte e da ressurreição do Senhor. Por isso, a luta árdua contra todas as enfermidades não só é destinada ao doente e aos agentes da saúde, mas a todos nós em virtude do nosso compromisso batismal<sup>4</sup>. Este é o fundamento básico que devia sustentar o empenho de cada batizado para o andamento da pastoral da saúde.

Na pastoral é importante deixar-se claro que embora o sacramento da Unção dos Enfermos tenha por objetivo aliviar as dores da pessoa que padece, a cura corporal é conforme a doutrina e a 'práxis' tradicional da Igreja conforme as palavras do apóstolo Tiago (Tg 5, 14-16). Nessa perspectiva, a Assembleia dos Bispos do Brasil destacou que

---

<sup>3</sup> A Assembleia dos Bispos em 1979 adverte que embora a Pastoral da Saúde vá ao encontro dos enfermos tanto nos hospitais como nas casas de moradia, é importante haver uma distinção clara entre Pastoral da Saúde Hospitalar e Pastoral da Saúde Domiciliar. Os bispos afirmam que o ministro da Unção dos Enfermos deve ter claro que são dois ambientes extremamente diversos e que exigem procedimentos igualmente diversos na ação pastoral. Por isso, para ser eficiente e eficaz, a Pastoral da Unção dos Enfermos deve levar em conta estas duas situações peculiares em que os enfermos podem se encontrar (Documentos da CNBB, n. 14, p. 26).

<sup>4</sup> O ritual destaca este ponto insistindo que “não é só ao doente que cumpre lutar contra a doença; também os médicos e quantos de qualquer modo se relacionam com o enfermo devem por sua parte fazer, tentar e experimentar quanto pareça ser útil ao corpo e à alma dos que sofrem. Assim cumprirão a palavra de Cristo que mandou visitar os doentes, como se dissesse que se lhes confia o homem todo para o ajudar corporal e espiritualmente” (RITUAL, n. 4).

A cura, pois, embora se relacione com a salvação *'totus homo ad salutem adiuvatur'*, não é a salvação total e plena; a restauração integral e plena do homem pertence ao mundo escatológico enquanto tal. A cura corporal, quando se realiza, é símbolo da libertação da condição de pecador — que introduz o homem na comunhão filial e fraterna, com Deus e com os irmãos — e remete à libertação integral do homem e do cosmos, no Reino plenamente realizado, pátria da comunhão total e definitiva (Documentos da CNBB, 14, p. 26).

Para se esclarecer melhor, pode-se afirmar que a Unção dos Enfermos é, por isso, um sacramento que representa a compaixão histórica de Jesus e prefigura a compaixão final que aguarda toda a pessoa no Reino de Deus (ROSATO, 1999, p. 68). Ele introduz o homem na comunhão filial e fraterna com Deus e com os irmãos.

Um dos grandes desafios nas paróquias quanto à Unção dos Enfermos é que a maioria dos fiéis ainda não compreende que este sacramento não é um rito mágico com o qual se manipula o sagrado e se recupera instantaneamente a saúde da pessoa. Poucos entendem que se trata de um encontro do homem necessitado pela sua enfermidade com Deus, em Cristo e na Igreja, que postula uma resposta pessoal, consciente e livre do homem. Por isso, é importante que haja na paróquia uma formação contínua sobre todos os sacramentos da Igreja. Nessas formações, deve-se falar deste sacramento como aquele que anima o homem todo em sua situação existencial de enfraquecido e não de um rito preparatório para a morte.

Deve-se esclarecer aos fiéis sobre a possibilidade da cura sem, porém, transformar a Unção, indevidamente, em 'sacramento da cura', obscurecendo ou desvirtuando seu significado principal de graça que ajuda o cristão enfermo a viver a fé, a esperança e a caridade nas condições propostas pelo patológico. A formação deve conseguir desfazer a

mentalidade deixada pela antiga denominação de 'Extrema-Unção' e pelo péssimo costume de se adiar a Unção até o momento da morte.

Por fim, evidenciar, em toda a celebração, que se trata do sacramento da esperança e não do desespero ou do desenlace final. A sacramentalidade, pois, da Unção dos Enfermos baseia-se na decisão da Igreja de que a dimensão corporal da salvação única e escatológica obtida por Jesus Cristo torna-se para os Cristãos doentes, concretamente acessível, bem como eficaz (ROSATO, 1999, p. 68).

### **3 Recomendações pastorais para celebração do sacramento da Unção dos Enfermos**

Como já se destacou nas seções anteriores, o sacramento da Unção dos Enfermos sofre de preconceito público, pois, por vários anos, a visita do padre ao doente foi associada à iminência da sua morte e poucas vezes à restituição da saúde física da pessoa, à remissão de pecados e à força espiritual na luta pela saúde. Por isso, é importante ter em mente que nem todas as pessoas que serão atendidas nesta pastoral poderão acolher o ministro da unção em seu domicílio ou na cama hospitalar. Por isso, como ministro, é importante “evitar que o sacramento seja conferido àqueles que não o compreendem ou não o aceitam, prejudicando sua natureza de ‘sacramento da fé’ e induzindo nos circunstantes uma mentalidade tendente a desvalorizar o sacramento pela sua banalização” (Documentos da CNBB, 14, p. 30).

Aos que o pedirem com fé e afincos, é necessário que se tenha ministros ordenados dispostos a atender tais pessoas cuidando que o doente receba logo o sacramento, ainda consciente da gravidade da sua doença. É nesta condição que o sacramento dá um sentido cristão à

doença, devendo este sentido ser querido e assumido consciente e livremente pelo enfermo. Claude Ortemann sustenta que “para que a recepção do sacramento seja frutuosa [...] o pedido da unção deve provir de uma atitude de fé, conforme exigido para qualquer outro sacramento. Torna-se necessário que o pastor se certifique do intuito que inspira o pedido da unção” (1978, p. 137). Além disso, a CNBB exorta, em seu documento, quanto à importância do aprofundamento teológico, a fim de se afastar uma visão desesperadora na hora da celebração do rito. Assim destacam:

Diante do carácter universal e dramático da doença, que interpela a fé com questões de ordem intelectual e existencial tão prementes, a abordagem da Unção dos Enfermos não pode refletir, de forma alguma, a mentalidade, lamentavelmente ainda existente, de um autor que abre assim a sua tratamento: ‘Em último lugar, vamos tratar do último dos últimos sacramentos, isto é, a Extrema-Unção, mesmo porque não há quase nada a discutir sobre ele’ (Documentos da CNBB, 14, p. 34).

Outro aspecto fundamental que os bispos insistiram é em relação ao modo de celebrá-la. Para eles, é importante que se evite na celebração do sacramento, toda e qualquer ideia ou aparência de superstição ou rito mágico, pela criação de um clima dialogal entre o celebrante e os participantes e o doente, e destes com Deus (Documentos da CNBB, 14, p. 35).

Para uma maior conscientização dos fiéis é importante que se promovam celebrações comunitárias da Unção, com a presença da comunidade hospitalar, familiar ou religiosa, sempre que possível. Por isso, as missas pela saúde nas paróquias são muito importantes para o povo. A maioria das pessoas que delas participam, buscam por uma resignificação da sua condição enferma ou de alguém da sua família. É dentro destas

celebrações que se deve oferecer uma catequese bem fundamentada para melhor compreensão do sentido da unção<sup>5</sup>.

Nessas celebrações, na medida do possível, é importante introduzir ou manter o costume de dar a Unção a todos os enfermos, sem excluir os casos de emergência que podem ser domiciliares ou hospitalares. Em casos de emergência, os bispos destacaram que era necessária muita prudência da parte do ministro ordenado porque, às vezes, os familiares interpretam erradamente a intenção do enfermo, afirmando ao sacerdote ou ao agente leigo de pastoral que o doente aceita ou rejeita o sacramento, quando o desejo do paciente é bem outro. Requer-se, portanto, para cada caso, um prudente discernimento.

Quanto aos doentes em estado de coma, recomenda-se que tenha consciência de que não se sabe se o doente desejava o sacramento ou não, mesmo sabendo desconhece-se o rumo que a sua fé tomou. Por isso é descabido ministrar um sacramento que confere um sentido à enfermidade e permite ao indivíduo viver tal sentido, ministrá-lo a alguém que não dispõe de meios para reconhecer e viver tal significado. Por isso, Claude Ortemann esclarece que

Não podemos justificar o dom do sacramento baseados numa hipotética consciência do doente. O sacerdote vê-se constrangido pela insistência da família desejosa de que o doente seja ungido, que acaba cedendo, sentimentalmente obrigado. Tal insistência dos que cercam o doente deve ser uma oportunidade para dissipar os conceitos errôneos sobre a unção e sobre o ministério sacerdotal; explicar que a relação do comatoso com Deus pertence ao mistério da atividade divina, não estando essa ligada pela mediação sacramentária (1978, p. 139).

---

<sup>5</sup> Campelo salienta que a sensibilização a esta situação existencial poderá ser realizada nos diversos meios informativos que a práxis eclesial permitir, tais como: homilias, retiros espirituais, encontros com diversos movimentos, artigos em periódicos, formação de agentes pastorais (ordenados e leigos), nos tempos litúrgicos do Advento e da Quaresma, ocasião em que poderia ser oportuna para exortar sobre o patológico, assim como qualquer outra circunstância suscitada pela atualidade (2014, p. 47).

## **4 A administração ordinária da Unção dos Enfermos**

Tendo chegado nesta fase, é extremamente importante ter claro que a unção dos enfermos sob a perspectiva teológica, é um sacramento que possibilita a salvação a todos que o aderem. Por essa razão administração deste sacramento deve fazer com que não somente o enfermo deposite a sua plena confiança em Deus, mas também para que todas as pessoas reconheçam que, inclusive no momento da morte, Deus age na vida e na história do seu povo e faz deles partícipes do mistério da salvação. Portanto, nesta sessão nos propomos a aprofundar de uma maneira detalhada como se administra a unção dos enfermos, desde a preparação até o momento da bênção final.

### **4.1 Preparação da celebração**

Diante do enfermo e de seus familiares ou cuidadores, ou então noutro ambiente, o sacerdote se prepara devidamente para o sacramento que irá realizar considerando algumas observações:

a) O sacerdote que houver de administrar a Santa Unção a algum doente, informe-se do seu estado para o ter em conta ao ordenar a celebração, na escolha das leituras e das orações. Disponha estas coisas, na medida do possível, com o próprio doente ou sua família, explicando o significado do sacramento.

b) Para ouvir a confissão sacramental do doente, todas às vezes que for necessário, o sacerdote chegue, se puder, um pouco antes da celebração da Unção. Mas, se a confissão sacramental do doente tiver de

fazer-se na própria celebração, faça-se no começo do rito. Se não houver confissão sacramental, faça-se oportunamente um ato penitencial.

c) O doente que não está acamado pode receber o Sacramento na igreja ou noutro local conveniente, onde se possam reunir pelo menos os familiares e amigos que tomem parte na celebração.

d) Nos hospitais ou casas de saúde, porém, o sacerdote tenha em conta a situação dos outros doentes que estiverem de cama no mesmo lugar, verificando se podem de algum modo tomar parte na celebração ou se, pelo contrário, vão cansar-se, ou ainda, não professando a fé católica, se poderão sentir-se um tanto incomodados.

e) Observa-se mesmo quando a Unção é conferida simultaneamente a vários doentes, sendo a imposição das mãos e a unção, com sua fórmula, feitas sobre cada um deles; as outras fórmulas recitam-se uma só vez no plural.

## 4.2 Estrutura do rito ordinário da Unção dos Enfermos

Comunica-se agora a forma ordinária de como se dá o rito da unção conforme está descrito a nós no Ritual. Nossa intenção aqui não é copiar o rito como está disponível no manual, mas sim, indicar brevemente o transcorrer do rito ordinário (RITUAL, n. 68-79).

**Ritos iniciais** – Saudação do sacerdote ao doente e as outras pessoas presentes. Ex: “A paz do Senhor esteja convosco”.

**Aspersão da água benta** – Pode-se usar a seguinte fórmula: lembrenos esta água o Batismo que recebemos, e recorde-nos Jesus Cristo que nos remiu com a sua paixão e ressurreição.

**Acolhida** – O celebrante acolhe a todos os presentes, invocando a presença de Deus em seu meio e o socorro da Igreja aos doentes, como descrito pelo apóstolo Tiago. No final todos dizem: Amém.

**Ato penitencial** – Caso não houver confissão sacramental, faça-se o ato penitencial, motivado pelo sacerdote que introduz o chamado para reconhecer e pedir o perdão dos pecados. Após breve silêncio pode-se rezar a fórmula: *confesso a Deus todo-poderoso e a vós, irmãos...* ou outra fórmula descrita no ritual, concluída com a oração final do sacerdote.

**Leitura da Sagrada Escritura** – Depois, um dos presentes, ou o próprio sacerdote, lê um texto breve da Sagrada Escritura e se conveniente faz uma breve explicação do texto.

**Ladainha e/ou preces pelo doente** – Esta, pode rezar-se neste momento ou depois da Unção, ou ainda, se parecer conveniente, em ambos os casos. O sacerdote poderá, no entanto, conforme as circunstâncias, adaptar ou abreviar o próprio texto. Terminada as preces o sacerdote impõe as mãos sobre a cabeça do doente, sem dizer nada.

**Bênção do Óleo** – Quando o sacerdote, tiver de benzer o Óleo dentro do rito, faz-se nesta hora. Acaso o Óleo já tiver sido benzido, diz a oração de ação de graças sobre o mesmo Óleo e ao final os presentes, digam amém.

**Santa Unção** – Depois, o sacerdote toma o santo Óleo e unge o doente na fronte e nas mãos, dizendo uma só vez. **Sacerdote:** *Por esta santa Unção e pela sua infinita misericórdia, o Senhor venha em teu auxílio com a graça do Espírito Santo.* **Resposta:** Amém. **Sacerdote:** *Para que, liberto dos teus pecados, Ele te salve e, na sua bondade, alivie os teus sofrimentos.* **Resposta:** Amém. Depois diz uma das orações descritas no ritual.

### **Outras orações adaptadas às diversas circunstâncias do doente –**

Para uma pessoa de idade avançada, para quem está em grande perigo, para aquele que recebe a Unção e o Viático, para um agonizante.

**Conclusão do rito** – O sacerdote introduz a oração dominical (Pai – Nosso), e se o doente for comungar, depois da oração dominical procede-se como no rito da comunhão dos doentes.

**Benção Final** – O rito termina com a bênção do sacerdote, que pode concluí-lo com uma das fórmulas contidas no ritual. Caso houver conveniência dá-se o abraço da paz.

### **4.3 Rito de unção quando se duvida se o doente ainda está vivo**

Para abordar esta sessão, queremos em primeira instância destacar o que o Catecismo da Igreja Católica afirma sobre a natureza humana. Segundo o documento, a enfermidade e o sofrimento sempre estiveram entre os problemas mais graves da vida humana. A morte é um dado existencial que todo o ser humano deve um dia enfrentar. Portanto, tratando-se aqui do tema da Unção quando se duvida que a pessoa esteja ainda viva, é fundamental que se tenha em mente aquilo que já dizíamos nas sessões anteriores. O ministro deste sacramento, em circunstâncias como estas, deve sempre ter em mente que a enfermidade pode levar a pessoa à angústia, a fechar-se sobre si mesma e, às vezes, ao desespero e à revolta contra Deus (CIC 1500-1501). Deste modo, quando o sacerdote duvida se o doente ainda está vivo, dê-lhe a Unção como prevê o Ritual:

Aproximando-se do doente, se houver tempo, diz o **Sacerdote**: Com a oração da nossa fé, peçamos ao Senhor pelo nosso irmão N., para que o visite com a sua misericórdia e o reanime com a Santa Unção. **Resposta**: Ouvi-nos, Senhor. E dá-lhe imediatamente a Unção, dizendo: **Sacerdote**: *Por esta santa Unção e pela sua infinita misericórdia, o Senhor venha em teu auxílio com a graça do Espírito*

*Santo. Resposta: Amém. Sacerdote: Para que, liberto dos teus pecados, Ele te salve e, na sua bondade, alivie os teus sofrimentos. Resposta: Amém. (Ritual, n.135).*

Evidentemente, se as circunstâncias o permitirem, pode-se acrescentar uma oração que melhor se adapte às disposições do doente contidas no próprio ritual. Tratando-se de um momento de dúvida, O próprio rito não deve tirar o compromisso com a vida e com bem-estar da pessoa. Como afirmamos anteriormente, este deve ser um sacramento de Esperança e não de desespero. Aliás, é preciso que reconheçamos que mesmo neste momento Deus continua acompanhando a vida da pessoa, independentemente do estado que o nosso juízo pode julgar.

### **Considerações finais**

Chegados ao final deste estudo, tornou-se evidente a necessidade de uma formação pastoral que abranja a todas as etapas e momentos da vida humana e que possibilite uma conscientização de que a morte é um fator que faz parte da vida humana. Por essa razão a missão da catequese não deve ser apenas a de tornar conhecido o sacramento da unção dos enfermos, mas também, fazer perceber que não se trata de últimos ritos na vida da pessoa.

Por este motivo, a necessidade de formação teológico-litúrgica para toda a comunidade torna-se evidente não apenas para romper com uma mentalidade de ser o sacramento da Unção destinada somente para quem está à beira da morte, mas para obter uma visão global dos efeitos do sacramento livrando os fiéis do risco de se fixarem na ideia de cura da doença, dando ao sacramento um sentido de algo mágico. Aliás, como foi mencionado no início deste estudo, o objetivo era chegar, mediante

situações adversas que assolam a nossa sociedade, à uma compreensão da pastoral do Sacramento da Unção dos Enfermos.

Durante a exposição ficou claro que a Igreja, através deste sacramento, nos lembra que Cristo não nos deixou sozinhos para enfrentar o sofrimento e a morte. Por meio dele, Cristo continua entrando e vivendo nas profundezas da experiência humana, desejando oferecer auxílio, conforto e cura a todos os que sofrem. A sua compaixão acompanha o trajeto da vida humana e é por isso que podemos afirmar que

A compaixão de Cristo para com os doentes e suas numerosas curas de Enfermos de todo tipo são um sinal evidente de que “Deus visitou o seu povo” e de que o Reino de Deus está bem próximo. Jesus não só tem o poder de curar, mas também de perdoar os pecados: ele veio curar o homem inteiro, alma e corpo; é o médico de que necessitam os doentes. Sua compaixão para com todos aqueles que sofrem é tão grande que ele se identifica com eles: “Estive doente e me visitastes” (Mc 25, 36). Seu amor de predileção pelos Enfermos não cessou, ao longo dos séculos, de despertar a atenção toda especial dos cristãos para com todos os que sofrem no corpo e na alma. Esse amor está na origem dos incansáveis esforços para aliviá-los (CIC 1503).

Em suma, podemos enfatizar que, por meio do sacramento da Unção dos Enfermos, a Igreja revela sua compaixão pelos sofrimentos da pessoa e concede tal benefício a todos os que a solicitam. Por meio deste sacramento, ela une intimamente a pessoa a Cristo na sua dor, doença e sofrimento. É dentro desta dimensão que a ação da Igreja se faz necessária na atualidade, pois se verificam muitas pessoas padecendo de diversas enfermidades especialmente da pandemia de Sars-Cov-19 que ainda atormenta a vida de muitas pessoas a nível mundial. Resta-nos o desafio de apurar os meios saudáveis pelos quais podemos continuar a desempenhar essa missão que Igreja herdou de próprio Cristo.

## Referências

BOROBIO, Dionisio. **Pastoral dos Sacramentos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CAMPELO, Cristiano Roberto. **Unção dos Enfermos**. São Paulo: Biscalchin Editor, 2014.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. **Ritual Romano e Unção e Pastoral dos Doentes**. 2 Ed. Disponível em: <https://www.liturgia.pt/rituais/Enfermos.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2021.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Sacramentário**. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Pastoral da Unção dos enfermos**: Brasília: Edições CNBB, 1979 (Documentos da CNBB, 14).

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. 7 ed. São Paulo: Paulus, 2014.

FLÓREZ, Gonzalo. **Penitencia y Unción de Enfermos**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1993.

ORTEMANN, Claude. **A força dos que sofrem**: a história e dignificação do sacramento dos enfermos. São Paulo: Paulinas, 1978.

ROSATO, Philip J. **Introdução à Teologia dos Sacramentos**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.